

Concedamos a liberdade de traçar: brincando de escrever um *Dicionário de perfeições inventadas* na oficina de escrita

Mariana De Bastiani Lange*

Psicanalista, oficina, professora de Psicopedagogia Clínica e Institucional, doutoranda na área de Teoria Literária – Intertextualidades Contemporâneas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
Graduada em Psicologia pela Unijuí, Mestre em Letras pela UFSC, pesquisadora da Rede Internacional de Pesquisa *Escritas da Experiência* (Brasil/França – CNPq), integrante do *Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise, Políticas e Cultura* (CNPq). e-mail: mariana.lange@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo visa desenvolver questões acerca da escrita, da infância e da educação, narrando a história da criação de um “dicionário de palavras inventadas”. Este dicionário foi criado por crianças que participavam de oficinas de escrita. Fundamentadas nas relações entre literatura e psicanálise, as oficinas de escrita foram desenvolvidas com diferentes grupos de crianças. A história do *Dicionário de Perfeições Inventadas* dialoga com os escritos de Manoel de Barros e Roland Barthes.

Palavras-chave: Oficina de escrita, dicionário, Manoel de Barros, Roland Barthes, literatura e psicanálise.

Abstract: This paper aims at raising questions about writing, childhood and education, by narrating the story of the creation of a “dictionary of invented words”. This dictionary was made by children that participated in some writing workshops. Based on the relations between literature and psychoanalysis, the writing workshops were developed with different groups of children. The story of the *Dictionary of Invented Perfections* relates to the writings of Manoel de Barros and Roland Barthes.

Keywords: Writing workshop, dictionary, Manoel de Barros, Roland Barthes, literature and psychoanalysis.

Crianças
Em pleno uso da poesia
Funcionavam sem apertar o botão
Manoel de Barros

Trabalhar com crianças no formato Oficina de Escrita¹ pode trazer surpresas. O *Dicionário de Perfeições Inventadas* foi uma dessas empreitadas em que nos metemos sem perceber e, de repente, não mais que de repente, percebemos que ali se deu algo da ordem da experiência. É possível contá-la? Tomemos a liberdade de tentar: tudo começou com um poema. A história, portanto, inicia assim: era uma vez um poema. E dele surgiu um dicionário.

O tradicional Dicionário de Língua Portuguesa sempre esteve à espreita na sala onde nos encontrávamos para *oficinar*². Com ele descobrimos que oficina é lugar de consertar, lugar de fabricar. Houve quem relacionasse "oficina" e "ofício", sendo este, para um certo menino, um lugar amedrontador, pois é "onde ficam os velhos e os loucos". Do "ofício" fomos ao "hospício", viajando nas palavras.

O dicionário, usado mais para esgarçar palavras do que para conferir grafias, funcionou inclusive como metáfora: um código compartilhado que se dá a ler e movimenta novas escrituras na medida em que oferece palavras. Assim é o trabalho em oficina: *oficinar a escrita* passa pela experiência de tomar o aprendido e remontá-lo de modo a ofertá-lo aos outros com uma nova configuração.

Trata-se, na abordagem que proponho, de promover a perspectiva hifenizada de que fala Roland Barthes quando menciona o *escritor-escrevente* (BARTHES, 2007, p. 31). Para o escritor, a palavra é um fim; para o escrevente, a palavra é um meio. O *escritor-escrevente* conjuga essas diferenças e lida com as letras de modo a se ocupar da escrita como registro e como exercício de divertimento, trabalha a escrita e se deixa trabalhar por ela, faz uso dela não apenas para se comunicar, mas para se comunicar com sabor, com prazer.

Seguindo estes rumos em busca de deleite, em um belo dia deitamos os olhos nos escritos de um senhor sul-mato-grossense de espírito pueril chamado Manoel de Barros:

Hoje eu completei oitenta e cinco anos. O poeta nasceu de treze. Naquela ocasião escrevi uma carta aos meus pais, que moravam na fazenda, contando que eu já decidira o que queria fazer no meu futuro. Que eu não queria ser doutor. Nem doutor de curar nem doutor de fazer casa nem doutor de medir terras. Que eu queria era ser fraseador.

Meu pai ficou meio vago depois de ler a carta. Minha mãe inclinou a cabeça. Eu queria ser fraseador e não doutor. Então, meu irmão mais velho perguntou: Mas esse tal de fraseador bota mantimento em casa?

¹ Sou pesquisadora-oficineira (CNPq) desde 2006 e coordeno oficinas de escrita com pequenos grupos de crianças, um trabalho que propõe o exercício da escrita visando trabalhar ludicamente a relação do *oficinando* com o *escrever*. Diferentemente de oficinas de redação, escrevemos livremente e, depois, quem se sentir convidado a ler o que escreveu pode compartilhar com o grupo não apenas seus escritos, mas sua experiência com o escrever (dificuldades, tensões, ideias). Assim, com o viés da psicanálise permeando o trabalho, a oficina também permite trabalhar questões de convivência e de grupo, bem como as maneiras de lidar com a crítica, a autocrítica e a autoria.

² O recorte trazido aqui trata de um trabalho desenvolvido no ano de 2009, no Núcleo de Atendimento Especializado de Palhoça, órgão público destinado a assessorar professores e receber crianças que enfrentam dificuldades (de aprendizagem e/ou de comportamento) em seu percurso na educação, alunos da rede de escolas municipais de uma cidade da Grande Florianópolis. Lá coordenei o trabalho de Oficina de Escrita com oito grupos (com *oficinandos* de 7 a 15 anos), com encontros semanais de uma hora e meia de duração.

Eu não queria ser doutor, eu só queria ser fraseador. Meu irmão insistiu: Mas ser fraseador não bota mantimento em casa, nós temos que botar uma enxada na mão desse menino pra ele deixar de variar. A mãe baixou a cabeça um pouco mais. O pai continuou meio vago. Mas não botou enxada. (BARROS, 2003, p. VII)

Este poeta, mestre na disfunção lírica, no descomportamento linguístico e na arte de fazer o verbo delirar, diz querer “fazer brinquedo com as palavras” (BARROS, 2004, p. 7) e denomina “ascensão para a infância” (BARROS, 2005, p. 41) essa sua experiência com as palavras. Muitas vezes até mesmo a infância carece dessa ascensão. Por este motivo, por acreditar na didática da invenção, a poesia de Manoel de Barros nos serve e nos embevece em tantos momentos.

Após esta colheita – visto que ler remete ao termo em latim *legere*, ato de colher (FONTES, 2000, p. 77) – rabiscamos alguns versos. A risada cortou a cena ao percebermos que, para fazer uma determinada rima, ocorreu de inventar uma palavra cujo som nos pareceu agradável naquela determinada conjuntura. Então indagamos: e por que não?

Aliás, por que escrever em uma Oficina de Escrita? Os dicionários apontam que escrever é redigir, representar com caracteres convencionais. A oficina é o espaço onde é permitido escrever como verbo intransitivo, onde é possível brincar com o convencional ensinado na escola. Aprender a escrever é uma coisa; escrever é outra. A proposta deste trabalho coletivo em torno da escrita é instigar o espírito inventivo e minar o medo de encarar o papel em branco. Seguimos a deixa de Jacques Derrida: “O caminho está sempre por encontrar. Uma folha branca está cheia de caminhos” (DERRIDA, 2005, p. 60).

Que caminhos existirão se não forem caminhados? Segundo a perspectiva da escritora Marguerite Duras, no livro intitulado *Escrever*:

A escrita é o desconhecido. Antes de escrever não sabemos nada acerca do que vamos escrever. Com toda a lucidez. É o desconhecido de nós mesmos, da nossa cabeça, do nosso corpo. Não é sequer uma reflexão, escrever é uma espécie de faculdade que temos ao lado da nossa pessoa, paralelamente a ela, de uma outra pessoa que aparece e que avança, invisível, dotada de pensamento, de cólera, e que, por vezes, pelos seus próprios fatos, está em perigo de perder a vida. Se soubéssemos alguma coisa do que vamos escrever, antes de o fazer, antes de escrever, nunca escreveríamos. Não valeria a pena. Escrever é tentar saber aquilo que escreveríamos se

Em 2010, na UFSC, coordenei uma Oficina de Escrita com adultos, professores e futuros professores, intitulada “Desaprender com Manoel de Barros”. Neste grupo de Oficina de Escrita a reunião se deu em torno dos poemas desse escritor que brinca com as palavras, com a gramática e com os verbos, e não raro volta-se para o encontro da criança com o mundo do conhecimento, mostrando facetas da escolaridade avessas à criação e ao prazer das descobertas. Escrevemos embalados por essas nuances que permeiam a prática do professor (futuro professor, no caso de graduandos de Letras e Pedagogia). O mestre transmite aos alunos não apenas as letras, mas o desejo de escrever, problemática esmiuçada a partir dos poemas e da escrita dos próprios oficinados.

escrevêssemos - só o sabemos depois - antes, é a interrogação mais perigosa que nos podemos fazer. Mas é também a mais corrente. (DURAS, 1994, p. 48)

A proposta da Oficina de Escrita como lugar de montar/desmontar – para além do lugar de consertar, como as oficinas comumente lembradas pelas crianças – se lança na via dessa descoberta salientada por Duras: o que escreveríamos se escrevêssemos? Entre outras coisas, escrevendo descobrimos que podemos inventar palavras. E isso nos moveu e articulou um trabalho. Como o fazer do artesão, o laço se dá – assim como o trabalho – a cada encontro e “no movimento de construção da obra, o que fica é o obrar.” (BERGAMASCHI, 2009, p. 12).

E obramos rumo à criação de palavras sem idioma. Inventamos significados para aquelas palavras e anotamos em um papel para não esquecê-las⁴. O batismo oficial foi o uso de algumas dessas palavras em plena oficina e, em seguida, fora daquele recinto – para a preocupação de algumas mães e professoras. Resolvemos, menos por fins pedagógicos que para seguir com esse prazer de dançar um ritmo desconhecido, reunir essa coleção de invenções em uma espécie de dicionário. Tornou-se um escrito coletivo, algo como o “dicionário do inventador”. Éramos inventadores, escritores, leitores, autores e organizadores de uma obra, que passou a se chamar *Dicionário de Perfeições Inventadas*.

Mantivemos traços daquilo que já está inscrito na coletividade – a saber, o dicionário que segue a ordem alfabética. Para cada letra do alfabeto, uma lista de palavras com seus respectivos significados. A invenção fez par com o que já existe: aos moldes do dicionário tradicional, seguindo as letras que herdamos da língua portuguesa, criamos, na brincadeira, outra coisa. Tal qual o fraseador, lançamo-nos em um fazer – um fazer com (*faire avec*⁵) a escrita. Afinal, como escreve Manoel de Barros no livro *Memórias Inventadas – A infância*, se “tudo o que não invento é falso” (BARROS, 2003, p. 3), temos muito a fazer.

E se para uma letra do alfabeto não houvesse sequer uma palavra inventada? E se duas palavras tiverem o mesmo significado? E se uma palavra tiver mais de um significado? Como descobrir se a palavra recém-inventada já existe? E se existir em outra língua? Como se escreve o som que acabamos de inventar? Há nomes próprios nos dicionários? Por que eles precisam conter significados?

Os questionamentos foram se proliferando. Sons, grafias e suas correspondências foram questionadas. Em folhas avulsas, começamos a listar palavras que iniciavam com a mesma letra. Inicialmente soltas, essas folhas tão carnavalescas conviviam em bloco, mas rejeitavam a configuração enfileirada.

Quando esquecido, o *Dicionário* era ainda mais alimentado, pois, em meio a outras escrituras, a irrupção de um erro – menos

⁴ A propósito, as relações entre a escrita e o esquecimento são tema de pesquisa nesta minha jornada rumo ao doutoramento.

⁵ Aqui nos remetemos ao psicanalista Jacques Lacan, que em sua obra salienta os efeitos da escrita sobre aquele que escreve e, justamente quando se volta aos escritos de James Joyce, aponta para a importância de *saber fazer com (savoir faire avec)*.

constrangedor que excitante e incitante –, gerava uma novíssima palavra. Assim surgiu “Adiqui”, que significa “adquirir algo”.

Não raro, um lapso de escrita ou de leitura provocava no colega o desafio de superar em estranheza o verbete do amigo. Coautorias se davam sem maiores burocracias. A seguir, alguns registros:

Adókiti – ato de amor
Aquisto – ato de violenciar
Bidiqu - Bíblia
Déki – procurar Pokémon
Miltuy – rato
Tuequi – estrada lisa

Escritas disléxicas eram acolhidas no sentido de atentar para o que ali havia de diferente. Sentimentos estranhos, desses que buscam palavras e encontram inexatidão, impunham com força alguma nova aglomeração de letras – nesse caso, o difícil era determinar o significado, por isso, na dúvida, cabiam vários significados. Percebemos que a polissemia era possível, quiçá necessária, também no plano da criação.

Quando as folhas formaram um volume semelhante a um livro, fizemos a capa, unindo as partes por uma costura. Resolvemos escrever uma espécie de texto introdutório, para que ficasse o registro da história da criação do *Dicionário de Perfeições Inventadas*. O texto de abertura virou “Texto de Aventura”, no qual narramos a história malcontada (afinal, foram tantos os começos!) da “origem”, por assim dizer, do dicionário. Fotografias dessa história ilustram o Texto de Aventura.

Na capa do *Dicionário*, decidimos juntos o que merecia constar. Alguns miraram pela primeira vez os espaços destinados ao título e aos autores/organizadores. Nem imaginavam que livro tinha orelha! “Se o texto diz, alguém há de ouvir”, sugere um oficinando.

Foi uma descoberta atrás da outra. Não que os oficinados não soubessem o que era um livro ou um dicionário, mas viver a experiência de fazer um livro (“dicionário também é livro?”), escrito à mão, escrito com suas próprias letras – rasuras e erros, inclusive –, produziu efeitos muito maiores do que apenas ser leitor e manusear um punhado de folhas reunidas sob um título.

Em um momento mais teórico durante um encontro de oficina, esboçamos um esquema a partir da seguinte indagação: de onde vem a escrita? Retomando nossa própria experiência, enfileiramos quatro maneiras de dar partida na escrita: 1) fazer silêncio; 2) escrever; 3) ler; 4) conversar. São maneiras de “ter ideias” para escrever. Vale destacar que o escrever consta como uma maneira de encontrar algo para escrever



e essa lição aprendemos com a experiência do *Dicionário*. Nosso esquema se tornou cíclico, pois ao escrever, alguém lê e então pode embarcar em um desses pontos que levam para um outro gesto de escrita.

Uma pergunta que nunca cessou de ecoar: por que as escolas dão mais ênfase à formação de leitores, mas não se autorizam a falar em formar escritores? São estágios ou facetas de uma mesma prática? Para Barthes, ler é também escrever, pois a leitura é condutora do desejo de escrever. Quando se lê “levantando a cabeça” (BARTHES, 2004, p. 26), escreve-se para além da economia de autor/autoridade/proprietário e leitor/usufrutuário, imprime-se algo no texto lido.

Sigmund Freud já apontava para a relação estreita entre o brincar da criança e os devaneios do escritor (FREUD, 1996). Então por que nos ambientes infantis evita-se falar na formação de escritores? Quando é que nasce um escritor? Alguém “nasce” escritor? Ou um escritor se faz escritor escrevendo? Talvez seja mais interessante deslocar a questão e indagar sobre a transmissão de um desejo de escritura. É na relação com a escrita que podemos verificar se há um desejo de escritura transmissível, bem como indagar a respeito de como ele se dissemina.

E falando em desejo e em disseminação, voltemos à nossa história. Boca a boca foi se espalhando a notícia de que havia um certo dicionário maluco sendo escrito. O dicionário acabou circulando por entre as turmas de oficinas e foi agregando novas palavras e novos autores (alguns, mais tímidos, titubeavam frente ao convite: “posso mesmo escrever?”). Porém, não bastava escrever. Percebemos que um livro se faz com leitores, e então a brincadeira começou a ficar séria.

A história do dicionário foi tomando proporções inimagináveis. Os oficinados mais animados clamaram por uma cerimônia de lançamento – ou “inauguração”, como preferiram chamar. Fizemos cartazes anunciando o evento. Os cartazes acabaram ganhando a rua e acabaram nos murais das escolas das crianças, convocando mais gente para perto das “perfeições inventadas”.

Os professores de Literatura e Língua Portuguesa foram os mais interessados nessa invenção de perfeições imperfeitas, tão incorretas e descabidas quanto ricas em ensinamentos. Talvez porque façam eco à temerosa pergunta: “será que a literatura pode ser para nós algo que não uma lembrança de infância? Quero dizer: o que é que continua, o que é que fala da literatura depois do colégio?” (BARTHES, 2004, p. 43). Ouso responder: se algo continua, é porque o inventamos... ou reinventamos.

Alguns verbetes do *Dicionário de Perfeições Inventadas* se tornaram gíria na boca dos oficinados de outros grupos, que respondiam com novíssimos verbetes (exemplo: *aglabião* = um avião cheio de gladiadores!) – e assim eram convidados a registrar no dicionário e a assinar como autores.

O *Dicionário* foi ganhando espaço nos vários grupos de oficina. Reinauguramos velhas perguntas: o que é um autor? Em que consiste a autoria? Qual a relação da criação com a escrita? Quando crianças encabeçam tais questionamentos, impõe-se a nós, adultos, a presentificação das teorias estudadas, assim como esse facho crítico nos coloca em sérios apuros frente ao saber oriundo da experiência e às implicações geradas a partir daí. Como voltar aos livros, aos autores dos livros, esses outros autores – tão autores quanto nós? Eles nos dizem algo?

E mais: será que podemos brincar com eles? Manoel de Barros brincou:

Aliás, Lacan entregava aos poetas a tarefa de contemplação dos restos.

E Barthes completava: Contemplar os restos é narcisismo.

Ai de nós! (BARROS, 2005, p. 12)

Os escolares, por sua vez, tomando a palavra como possibilidade e aventura, tornam-se leitores mais críticos e, certamente, alunos mais espertos. “Por que na escola não podemos inventar?” A escrita pode ser um espaço de liberdade, a liberdade de traçar:

Escravos de nossas possibilidades e de nossas circunstâncias, temos a “liberdade” de suportar a angústia de construir um começo, de rasgar a superfície branca e marcar a folha, vendo surgir algo que o mais das vezes não coincide com o que almejávamos, mas com o que nos é possível; algo que não diz de nossas intenções, mas atualiza nossas mais profundas motivações. Esse gesto não se faz sem custos. Esse gesto não se faz sem restos. (RICKES, 2010, pp. 11-12)

Vale indagar sobre o lugar da criação na escola, que lida com esses restos da escrita, bem como com as angústias vinculadas ao escrever. Ao professor cabe saber deixar escrever assim como saber deixar brincar, saber deixar acontecer o erro, a angústia, o riso, a repetição. Muito se fala em desconstrução, mas que desconstrução permitimos existir? Que leitores permitimos existir? Que escritores? *De que amanhã...?*⁶

A via indicada por Derrida:

Saber “deixar”, e o que significa “deixar” é uma das coisas mais belas, mais arriscadas, mais necessárias que conheço. Muito próxima do abandono, do dom e do perdão. A experiência de uma “desconstrução” nunca acontece sem isso, sem amor, se preferir essa palavra. (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 13)

⁶ Faço referência ao livro *De que amanhã: diálogo* – conversas entre a psicanalista Elisabeth Roudinesco e o filósofo Jacques Derrida.

A escola é o território onde se inauguram inúmeras posições na vida da criança, e é preciso saber deixar as descobertas tomarem lugar.

Voltemos a Manoel de Barros: “A única língua que estudei com força foi a portuguesa. Estudei-a com força para poder errá-la ao dente.” (BARROS, 2000, p. 17). Ele eleva à máxima potência a força da infância sem idade que o habita. Sim, estudar é preciso. E Manoel de Barros faz arte com as palavras. Faz arte, coisa que a criança arteira também aprecia.

Mas, como nos lembra Barthes, “a ortografia legal tem seus encantos, pois ela tem sua perversidade” (BARTHES, 2004, p. 54). Assim, não se trata de propor um “vale tudo” na oficina de escrita, mas sim, vale tudo *na* escrita. É não expulsando o erro que se trabalha com ele. É explorando a dúvida e a rasura que podemos suscitar nos leitores, bem como em quem escreve, o interesse em perceber as diferenças e seus efeitos. Como se escreve “oficina”? Escreve-se. Ora, escreve-se! Deixando na roda esse escrito, surge um leitor e anima essa palavra, colocando até mesmo em questão sua ortografia. E ela vive como *scriptura*.

Os pequenos escritores-escreventes, brincando, procedem “a esses *levantamentos de escritura*” (BARTHES, 2004, p. 104), e o fazem também em sala de aula, porém, sob outros parâmetros reguladores. No texto *Concedamos a liberdade de traçar*, Barthes dá a ler a seguinte passagem:

O primeiro efeito da ortografia é discriminatório; mas tem também efeitos secundários, de ordem psicológica. Se a ortografia fosse livre – livre para ser simplificada ou não segundo a vontade do sujeito –, ela poderia construir uma prática muito positiva de expressão; a fisionomia escrita da palavra poderia adquirir um valor propriamente poético, na medida em que ela surgisse da fantasística do escriptor, e não de uma lei uniforme e redutora; pense-se naquela espécie de embriaguez, de júbilo barroco que explode através das “aberrações” ortográficas dos antigos manuscritos, dos textos infantis, das cartas de estrangeiros: não se diria que nessas eflorescências o sujeito busca a sua liberdade de traçar, de sonhar, de lembrar, de ouvir? Não nos acontece encontrar erros de ortografia particularmente “felizes”, como se o escriptor escrevesse então não sob o ditado de uma lei escolar, mas de um comando misterioso que lhe vem de sua própria história – talvez mesmo de seu corpo? (BARTHES, 2004, p. 53)

As eflorescências das crianças também têm muito o que ensinar. Fazer *com* o erro pode ser uma instigante brincadeira. “Perfeições inventadas” brinca com isso: o que pode ser mais perfeito que o

caminhar, ora reticente, ora desbravador, de uma criança rumo à tomada de palavra no registro escrito? Errar é também tomar um rumo, é fazer caminho na folha em branco, é colocar Texto no espaço do papel e brincar com as descobertas.

Barthes sublinha a questão do Texto:

Finalmente, o Texto é antes de tudo (ou depois de tudo) essa longa operação através da qual um autor (um sujeito enunciador) descobre (ou faz o leitor descobrir) a *inidentificabilidade* de sua palavra e chega à substituição do *eu falo* pelo *isto fala*. (BARTHES, 2004, p. 105)

Quando a criança descobre que isto fala, a brincadeira se relança como brincadeira a envolver outros. Isto fala! E o jogo é sem fim. Manoel de Barros nos convida a jogar, nos incita a brincar no reino da despalavra. De tanto explorar os deslimites, Manoel escreveu uma *Explicação Desnecessária* em seu *Livro das Ignorças*: "Passei anos penteando e desarrumando as frases. Desarrumei o melhor que pude. O resultado ficou esse" (BARROS, 2009, p. 31). Ele nos brinda com o melhor da infância em forma de literatura.

Aceitamos a gentileza dessa oferenda. Aproveitamos a liberdade de traçar e assim seguimos, com essa obra aberta de perfeições inventadas que se intitula vida. "A gente é cria de frases!", arrisca nosso irreverente poeta (BARROS, 2007b, p. 33). O dicionário, por sua vez, também segue aberto, à espera de novos autores⁷, na Biblioteca Municipal de Palhoça, no estado de Santa Catarina.

Na *naфина xa traquita*⁸ brincamos de escrever em companhia. Porta-voz de muitas vozes, ofereço essa história aos leitores. Para finalizar com mais uma mistura de vozes, faço minhas as palavras de Manoel de Barros: "E achei que esta história só caberia no impossível. Mas não; ela cabe aqui também" (BARROS, 2005, p. 31). Ainda bem...

⁷ O *Dicionário de Perfeições Inventadas* encontra-se devidamente catalogado no acervo da Biblioteca Pública Municipal. Guilherme Wiethorn Filho, em Palhoça/SC, à espera de leitores e escritores, visto que todo o espaço que resta em suas folhas pode ser ocupado com novas perfeições inventadas.

⁸ Segundo o *Dicionário de Perfeições Inventadas*, "naфина xa traquita" significa "oficina de escrita".

Referências Bibliográficas:

BARROS, Manoel de. *Arranjos para assobio*. Rio de Janeiro: Record, 2007a.

_____. *Ensaios fotográficos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. *Livro das Ignorças*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. *Matéria de Poesia*. Rio de Janeiro: Record, 2007b.

_____. *Memórias inventadas – a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

_____. *Tratado geral das grandezas do ínfimo*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

BARTHES, Roland. "Concedamos a liberdade de traçar". In: *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. "Da obra ao texto". In: *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. "Escrever a leitura". In: *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. "Escritores e escreventes". In: *Crítica e Verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. "Reflexões a respeito de um manual". In: *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BERGAMASCHI, Rosi Isabel. "A arte de um ofício". In: SCOTTI, Sérgio et al. (orgs.). *Escrita e Psicanálise II*. Curitiba: Editora CRV, 2010.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Trad. de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____; Roudinesco, Elisabeth. *De que amanhã: diálogo*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

DURAS, Marguerite. *Escrever*. Trad. de Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FONTES, Joaquim Brasil. *O livro dos simulacros*. Florianópolis: Clavicórdio, 2000.

FREUD, Sigmund. "Escritores criativos e devaneio". In: _____. *Obras completas*. v. IX. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques. *O seminário: Livro 20 – Mais, ainda (1972-1973)*. Trad. de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____. *O seminário: Livro 23 – O Sinthoma (1975-1976)*. Trad. Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

LANGE, Mariana De Bastiani et al (org.). *Dicionário de Perfeições Inventadas*. Florianópolis, 2009.

RICKES, Simone Moschen. "Prefácio". In: BERGAMASCHI, Rosi Isabel; CHRAIM, Albertina Celina de Mattos (orgs.). *Oficina de Escrita: traços de autoria*. Curitiba: Editora CRV, 2010.

Artigo recebido em: 31/01/2011

Artigo aprovado em: 23/02/2011

Referência eletrônica: LANGE, Mariana De Bastiani. Concedamos a liberdade de traçar: brincando de escrever um *Dicionário de perfeições inventadas* na oficina de escrita. *Revista Criação & Crítica*, n. 6, p. 74 – 83, 2011. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlm/criacaoecritica/dmdocuments/CC_N6_MBLange.pdf>